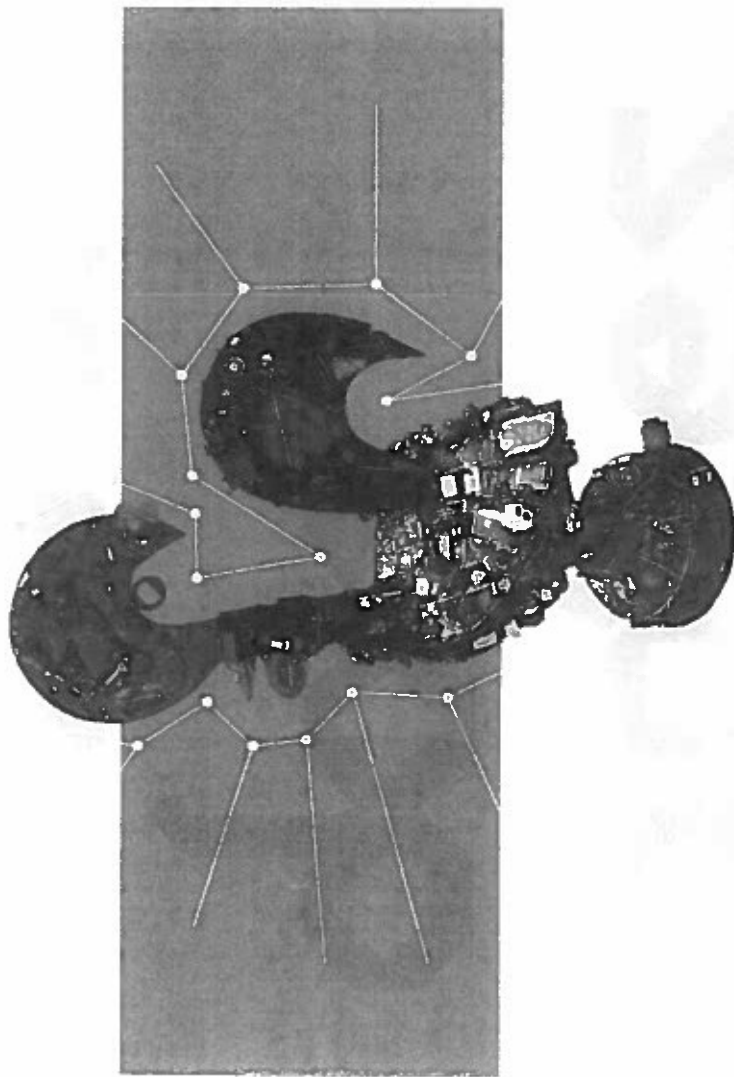




EXPOSIÇÃO | EXHIBITION
CASA DAS ARTES - 23 DE MARÇO A 10 DE JUNHO 2018



casa
das
artes

Exposições
New Game: inocência no brincar de António Azenha

Do Artista e percurso

António Azenha nasceu em Angola em 1964, cresceu na Figueira da Foz e, em Coimbra, licenciou-se em Pintura e cursou mestrado em Comunicação Estética. Expõe regularmente desde a década de 80, participando em vários Festivais e Exposições, dentro e fora do país. O seu trabalho foi premiado com menções honrosas no III Bienal de Arte de Vila Real (Fundação Cupertino Miranda em 1999), Concurso Pintura Mondego (Museu da Água de Coimbra em 2008), e com o Prémio Teixeira Lopes (Clube Rotários de Coimbra em 1992). Ensina diariamente o prazer das Artes plásticas a crianças, e com elas seguramente muito aprende. É genuinamente afável, com todos os que com ele convivem.

Em 2009/10 realizou obra intitulada "O meu pão, deles e nosso", dando início a investigação marcada pelo imaginário infantil e pela iconografia geracional coletiva, que culminaria na exposição "Toys Replay". O conceito de redesign e jogo materializa-se então em brinquedos de escala ampliada, conformados eles próprios por uma textura de pequenos brinquedos lhe oferecidos por crianças, tudo resultando numa experiência estética que nos remete ao imaginário da infância.

Mas, à semelhança do que acontece com a criança, o trabalho iniciado revelou-se um percurso exploratório, que, no caso, compendeu ao longo do tempo vários formatos: desenho, pintura, happening, performance, vídeo e escultura. Quando reencontrei o António em Coimbra por altura de 2011/12, este laborava numa série de obras que figurariam em 2013 em Exposição na Alliance Française, a qual constituiu o culminar de uma primeira fase criativa. E, em 2014, realiza no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, a subsequente exposição, onde as obras são alvo de um discurso expositivo ainda mais articulado em dois pisos de um edifício de génese habitacional.

Da Casa

Atendi-se, como referido em "Brinquedos numa casa em Coimbra" por altura da exposição no CPAC, ser relevante o facto da então exposição ter ocorrido numa Casa. Recordamos como "Bachelar nos fãla da Poética da Casa, na forma como as nossas memórias das casas que habitamos nos marcam", bem como de "sensações mistas de familiaridade e temor, por

exemplo quando nos encontramos de frente à nossa casa de infância já não habitada. Como se aquele espaço já não conseguisse albergar a nossa intimidade.

A casa e, para a criança um mundo, onde se reconhece os seus. Um espaço intimo que opera e onde desenvolve as suas faculdades, sendo que entre as várias atividades, estão as primárias... de brincar... anterior à linguagem... Mas "brincar não se restringe à criança, e pode praticar-se na forma como jogamos a sociabilidade. Ao brincar, a criança lida e aprende a relacionar-se com o mundo. O exterior da casa torna-se para quem dele usufrui um local íntimo onde tudo pode acontecer."

Ora se a exposição do CPAC se insere no entendimento que "o espaço privado, e a Casa em particular, tornaram-se também em espaços de Arte, os espaços que o artista abre ou apropria para uma qualquer manifestação

artística. Igualmente dignos e mais genuínos".

Já antes se entendeu que os "objetos esculturais expandem o seu campo, não no sentido de Krüss, num caminho que passa pela Land-Art, mas no sentido da sua materialidade. Construídos com uma materialidade pré-existente,

re-contextualizada, adquirem uma nova significação: objetos feitos de brinquedos, numa profundidade estética maior.

Um brinquedo é um objeto único que acompanhava a criança no infinito que é o tempo de uma brincadeira. Encarnam o universo denso que as crianças

sintizam. Objetos... que tornados arte entronizam o olhar dessas crianças em qualquer espectador. Dignificam brincar e a criança na dimensão patível que é a arte.

Ainda sobre o significado

Se qualquer escrita sobre Arte não deve pretender "explicar a arte, mas antes expandir a sua significação, circunscrevendo o espaço do sonho", é um enorme prazer voltar a escrever sobre o trabalho de um amigo. Ao longo dos últimos anos tenho acompanhado o trabalho desenvolvido pelo António, com

curiosidade lúida que tanto as esculturas metálicas em água como as malhas com minútuas presenças na exposição de há um ano, bem como o presente conteúdo expositivo, constituem uma segunda fase, com resultados mais coerentes e consistentes que não renega a anterior.

E, com esta nova exposição na Casa da Cultura de Miranda do Corvo, o António volta a incutir-nos a "viver a arte na sua magnânima expressão, a sonhar e a imaginar". Uma vez mais, como visitantes desta exposição, "estamos perante uma manifestação artística em intimidade... que não nos deixa de apelar a uma reflexão sobre a possibilidade de ação política da Arte, nos seus estratos fincos".

Professor Doutor Gonçalo Furtado
Coimbra 2018